

A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL DE PROFESSORES DE LÍNGUA INGLESA PELA ÓTICA DA TEORIA DA ATIVIDADE

Francisco Wellington Borges GOMES¹

RESUMO: A Teoria da Atividade, a concepção de aprendizagem como atividade histórica e socialmente determinada permite, além da identificação da atual conjuntura do sistema educacional, a investigação dos processos psicológicos/cognitivos subjacentes à formação de professores, oferecendo arcabouço teórico necessário à reflexão de como e porque nossos professores atuam. Neste artigo, discuto como a formação da identidade profissional de professores de língua inglesa é moldada pelo contato social com colegas de trabalho. Para isso, descrevo um estudo conduzido com professores de um curso de extensão em língua inglesa da Universidade Federal do Piauí. Os resultados mostram que os professores em questão construíram sua identidade profissional com base na observação, nos contatos e nas experiências sociais com outros profissionais, acumulados ao longo de sua formação e exercício profissional.

Palavras-chave: Teoria da atividade. Identidade profissional. Professor de inglês

1 INTRODUÇÃO

A Teoria da Atividade é uma abordagem teórica com origens na Filosofia Clássica Alemã, com Kant (1997²), Hegel (2007³), Marx e Engels (1961), dentre outros, e na Psicologia Cultural-histórica russa, presente nos trabalhos de Vygotsky (1984) e Leont'ev (1974). Notadamente nas últimas décadas, as ideias concernentes à Teoria da Atividade têm sido aplicadas em diversos campos de pesquisa, dentre eles aqueles relacionados ao ensino e aprendizagem, à interação homem-computador, à implementação tecnológica, ao estudo da cognição humana e às transformações sociais.

Segundo Tolman (1999), ela fundamenta-se na concepção de que toda e qualquer relação do indivíduo com o mundo ao seu redor deve-se à natureza essencialmente

¹ Professor da Universidade Federal do Piauí. Doutor em Linguística Aplicada (Universidade Federal de Minas Gerais).

² Trabalho publicado pela primeira vez em 1781.

³ Trabalho publicado pela primeira vez em 1806.



social do ser humano. Por natureza social, entende-se não somente a organização social e comportamental em grupo, regida por fatores biológicos e instintivos e comuns a outros animais, mas também, e principalmente, ao caráter histórico-social que diferencia o ser humano e por meio do qual ocorre o desenvolvimento da personalidade do indivíduo, seu desenvolvimento intelectual e de valores culturais.

Para a Teoria da Atividade, a natureza social humana é caracterizada primordialmente pelo acúmulo de conhecimento produzido no decorrer da história. De acordo com essa concepção, a capacidade intelectual de indivíduos humanos se deve, em grande parte, mais à estrutura de sua organização social e da transmissão e aperfeiçoamento de conhecimento fornecido historicamente do que a fatores exclusivamente biológicos. Tolman (1999) ilustra isso ao citar o exemplo de uma criança aprendendo a utilizar uma ferramenta. De acordo com ele, o manuseio adequado de uma ferramenta aparentemente simples, como um martelo, envolve o uso de experiências acumuladas historicamente pelo grupo social em que a criança nasceu. Este aprendizado certamente se dá por meio da observação de outras pessoas realizando a atividade, ou por meio de instituições como família, escola, ou outros grupos coletivos, e não apenas pela interação da criança com o objeto, como resultado da capacidade biológica humana de manusear objetos com as mãos.

Leont'ev (1974) denomina este processo de acúmulo de conhecimentos de “apropriação”. Diferente da adaptação biológica que ocorre com outros animais, em que comportamentos são regidos pela hereditariedade a partir do nascimento ou no decorrer do desenvolvimento fisiológico, a apropriação consiste na formação de novas funções psicológicas a partir da reprodução de comportamentos transmitidos sócio-historicamente. De acordo com essa ideia, a experiência social é fundamental para o nosso aprendizado e desenvolvimento intelectual. A partir da aquisição de experiências transmitidas por outras gerações ou mesmo por outros indivíduos de uma mesma geração, somos capazes de desenvolver novas habilidades cognitivas e gerar novos conhecimentos.

Neste trabalho, discutirei como as práticas profissionais de professores de língua inglesa são constituídas social e historicamente. Na atividade docente, desde a escolha da profissão até as práticas pedagógicas em sala de aula, as ações desses professores são moldadas pelos contatos sociais que tiveram enquanto ainda eram estudantes ou já como profissionais (GOMES, 2010). Para ilustrar essas afirmações, apresentarei dados

de uma pesquisa conduzida com alguns professores em formação, ou seja, que apesar de já exercerem a atividade docente, ainda são estudantes de um Curso de Graduação em Letras-inglês. Na referida pesquisa, buscou-se, por meio de entrevistas, identificar contatos sociais com outros professores e experiências de vida que tenha moldado ou influenciado a formação da identidade profissional desses professores.

Inicialmente, discutirei sobre a importância da mediação social na construção do profissional “professor de língua inglesa”, com base nos pressupostos da Teoria da Atividade. Em seguida, apresentarei a metodologia e os procedimentos adotados neste estudo, discutindo, ainda, sobre a relevância de se encarar o professor como o principal elemento responsável pela transformação da realidade que abrange o sistema formal de ensino. Por fim, apresentarei algumas análises dos dados obtidos, mostrando que o professor de língua inglesa é fruto das interações sociais mantidas com outros professores.

2 ATIVIDADE E MEDIAÇÃO SOCIAL

De acordo com a Teoria da Atividade, tanto a sobrevivência humana quanto a natureza da aprendizagem são essencialmente decorrência da vida em sociedade. Em outras palavras, a aprendizagem, assim como qualquer outra atividade humana, é mediada socialmente.

Diretamente ligada à concepção de atividade humana mediada está a noção de trabalho (*labour*) tal como apresentada por Marx em *O Capital* (1981. p.177), na qual ele define trabalho como uma atividade primordialmente humana por meio da qual o homem molda o mundo ao seu redor e, conseqüentemente, a si próprio. Segundo ele:

O trabalho é, em primeiro lugar, um processo no qual tanto o homem e a natureza participam, e no qual o homem inicia, regula e controla as re-ações materiais entre ele e a natureza. Ele se opõe à ela como uma de suas próprias forças, movimentando braços e pernas, cabeça e mãos e as forças naturais de seu corpo para se apropriar do que ela produz de acordo com suas próprias necessidades. Mas ao agir e modificar o mundo externo, ele, ao mesmo tempo, modifica sua própria natureza. Neste momento, não estamos lidando com aquelas formas de trabalho primitivamente instintivas que nos lembram os animais comuns. (...)

Pressupomos trabalho em uma forma que representa uma atividade exclusivamente humana⁴. (MARX, 1981. p. 177, tradução nossa.)

O conceito de trabalho abordado por Marx refere-se à atividade pela qual o homem exerce influência sobre o ambiente ao seu redor. Ao agir sobre o ambiente, ele age sobre si mesmo e sobre o grupo social a que pertence. Esta ação do homem sobre si mesmo pode ser algo físico ou cognitivo. Isso implica dizer que novos processos psicológicos são gerados em decorrência do surgimento ou transformação de fenômenos físicos que, por sua vez, implicam outras mudanças físicas produzidas pelo homem. Entretanto, ainda de acordo com a Teoria da Atividade, a ação humana não se dá de forma direta, mas por meio da mediação de ferramentas e signos.

Engeström (1999), afirma que a ideia de atividade humana mediada reflete a visão do homem como controlador do seu próprio comportamento por meio da criação de ferramentas. Essa criação de ferramentas, além de possibilitar a ele agir de modo mais eficaz sobre o ambiente ao seu redor, também gera novas habilidades e funções cognitivas nos indivíduos pertencentes aos grupos sociais que delas fazem uso.

Também para Vygotsky (1984), toda atividade humana caracteriza-se pela mediação. Nela, o homem constantemente cria estímulos que determinam suas próprias reações e que são usados como meio de controlar seu próprio comportamento.

Para Engeström e Miettinen (1999), dois processos operam continuamente em cada estágio da atividade humana: Internalização e Externalização. A Internalização está relacionada à reprodução da cultura, transmitida historicamente, enquanto a Externalização é vista como a criação de novos instrumentos e formas de atividade tanto coletivas quanto individuais, decorrentes da apropriação da cultura (artefatos e experiências) de outras gerações.

Marx (1981) também reconhece o papel da mediação dos artefatos criados pelo homem na interação deste com a natureza, com seu grupo social e consigo mesmo, ao definir alguns fatores necessários à caracterização de trabalho como atividade humana.

⁴ “Labour is, in the first place, a process in which both man and Nature participate, and in which man of his own accord starts, regulates, and controls the material re-actions between himself and Nature. He opposes himself to Nature as one of her own forces, setting in motion arms and legs, head and hands, the natural forces of his body, in order to appropriate Nature’s productions in a form adapted to his own wants. But thus acting on the external world and changing it, he at the same time changes his own nature. We are not now dealing with those primitive instinctive forms of labour that remind us of the mere animal. (...) We presuppose labour in a form that stamps it as exclusively human.”(MARX, 1981. p.177.)

Para ele, o trabalho caracteriza-se, dentre outros fatores, pela coletividade e pela consciência do indivíduo de seu papel como membro de uma grupo social.

Sobre a coletividade, Tolman (1999, p.72) esclarece que dela depende a sobrevivência do ser humano. Cada um de nós é capaz de realizar apenas uma pequena parte das ações necessárias à nossa sobrevivência e à existência do grupo social em que estamos inseridos. Por motivos práticos, não seríamos capazes de sobreviver isolados de outros seres humanos. De acordo com o autor:

Somos psicólogos, carpinteiros, analistas de computador, ou qualquer outra coisa. (...) Eu corto minha própria grama, mas e não inventei os elementos que compõe a paisagem em meu jardim nem construí meu próprio cortador de grama. Eu posso mudar para as montanhas para mostrar que posso viver com o que retiro da terra, mas mesmo assim usarei roupas feitas por outros. A sobrevivência, em sentido restrito, é impossível para membros da nossa espécie se eles se encontram completamente sozinhos⁵. (TOLMAN, 1999. p.72, tradução nossa)

Para Tolman (1999), a consciência e reflexão do indivíduo de que o trabalho é uma atividade coletiva em que cada um tem um papel definido é essencial para o seu êxito. Para ilustrar isso, Tolman se utiliza do exemplo do batedor de tambor em uma caçada, elaborado por Leont'ev (1974), em que a presença de um indivíduo batendo um tambor em uma caçada com a finalidade de assustar e afastar a presa, quando o objetivo lógico de um caçador seria aproximar-se dela, só tem sentido se considerarmos o exemplo como parte de uma coletividade (grupo de caçadores) em que cada um está consciente de seu papel como membro de um grupo. O batedor, assim como os outros membros do grupo, está consciente de que sua tarefa é afastar a presa de si mesmo, conduzindo-a em direção aos outros caçadores que a esperam, escondidos para o abate.

Ainda sobre o papel da consciência na Teoria da Atividade, Lantolf (2000) diz que uma atividade não consiste em simplesmente fazer algo, mas fazer algo motivado por uma necessidade biológica, tal como a fome; ou cultural, tal como a necessidade pelo letramento nas culturas modernas. Quando tais necessidades são direcionadas a objetivos específicos de forma intencional e consciente, elas se tornam motivos. Assim,

⁵ “We are psychologists, carpenters, computer analysts, or whatever.(...) I mow my own lawn, but I did not invent landscaping and I did not make my own mower. I may go into the mountains to show that I can ‘live off the land’, but I will wear clothing made by others. Survival in strict sense is impossible for individual members of our species on their absolute own.”(TOLMAN,1999. p.72.)

a fome só se torna um motivo para a realização de uma atividade depois que alguém decide procurar por comida, elaborando estratégias de como consegui-la. Da mesma forma, o letramento só se torna um motivo depois que alguém, consciente do valor social atribuído às práticas de leitura e escrita, decide aprender a ler e escrever.

Na Teoria da Atividade, os motivos são o principal critério para a classificação de ações como parte de uma mesma atividade, mesmo que aparentemente elas sejam diferentes. Por exemplo, o caçador encarregado de bater o tambor durante uma caçada está engajado na mesma atividade que o caçador armado escondido à espera da presa porque, embora os dois realizem ações diferentes, elas estão ligadas pelo mesmo motivo, ou seja, a fome. Por outro lado, se este caçador passa a bater o tambor ritmicamente por diversão em um contexto diferente do da caçada, esta ação passa a fazer parte de outra atividade, uma vez que agora ela está ligada a outro motivo, a diversão (LEONT'EV, 1974).

Da mesma forma, dois professores de língua estrangeira que estejam engajados na realização das mesmas ações podem não estar envolvidos na mesma atividade. Enquanto um deles pode não estar preocupado em ensinar a língua a seus alunos, tendo como objetivo apenas cumprir horários de sala de aula para receber seu salário, não se importando se as atividades que realiza são eficientes para promover o aprendizado, o outro pode ter como objetivos tornar seus alunos fluentes/proficientes na língua estrangeira, buscando soluções para problemas de aprendizagem e experimentando novas estratégias de ensino para obter melhores resultados. Nesses casos, diferentes motivos levam a diferentes objetivos em relação à realização de uma ação e, portanto, a diferentes atividades.

O conceito de *objetivo* (*goal*) é outro ponto fundamental para a Teoria da Atividade. Davidov (1999) e Tikhomirov (1999) consideram que uma atividade é direcionada por objetivos, que são as previsões conscientes dos resultados a serem obtidos com o esforço criativo. Nessa concepção, por meio da análise de um contexto histórico e social, é possível vermos além de uma determinada situação, buscando novas possibilidades e soluções para certos problemas ou necessidades.

Embora, como vimos, tanto os conceitos de motivo quanto de objetivo na Teoria da Atividade consistam de planos conscientes na execução de uma ação, seus resultados sempre podem conter algo novo e imprevisto em relação ao plano inicial. A involuntariedade decorrente de um resultado imprevisto também faz parte da atividade

criativa, uma vez que ela motiva a constante reformulação de objetivos. Quando os objetivos iniciais de uma atividade são incapazes de serem alcançados plenamente, isso motiva novos processos conscientes e intencionais que resultam na criação de novos artefatos com os quais o homem pode agir mais eficientemente sobre a realidade, transformando-a.

Assim como a consciência está diretamente ligada à ideia de objetivo, esse está ligado à ideia de transformação, outro conceito chave da Teoria da Atividade. Para Davidov (1999), transformação significa mudar não apenas o exterior de um objeto, mas mudá-lo internamente, tornando evidente sua essência, alterando-a, mesmo que algumas vezes de forma involuntária. A atividade humana está sempre conectada à transformação da realidade (seu objetivo). Por sua vez, essa transformação só é possível pela mediação de artefatos construídos sócio-culturalmente. Segundo Vygostsky (1984), as propriedades naturais e biológicas da mente humana são, elas mesmas, transformadas em capacidades mentais superiores por meio da integração de artefatos simbólicos no processo de pensamento, o que a torna capaz da realização de processos tais como a atenção voluntária, a memória intencional, o planejamento, o pensamento lógico, a resolução de problemas, o aprendizado, dentre outros.

A seguir, discutirei um pouco mais sobre o papel do professor na transformação da realidade escolar. Apresentarei, também, uma pesquisa conduzida com um grupo de professores em formação que buscou investigar como suas práticas profissionais são moldadas pela interação social com outros profissionais do ensino.

3 A ATIVIDADE PROFISSIONAL DO PROFESSOR DE LÍNGUA INGLESA COMO RESULTADO DA INTERAÇÃO SOCIAL

Até agora, vimos que para a Teoria da Atividade o conhecimento não é produzido sozinho, espontaneamente, mas o resultado das interações dos indivíduos em sociedade. Da mesma forma, discutimos que ele não é produzido do nada, surgido da completa ausência de outros conhecimentos na mente do indivíduo.

É baseado em experiências, crenças, conhecimentos prévios e outras estruturas conceituais transmitidas sócio-historicamente. Nesse sentido, convém dizer que o conhecimento não é fabricado, mas constantemente reciclado pelo acréscimo de novos elementos a uma base conceitual já existente. Esse acréscimo, por sua vez, é motivado pela

necessidade do indivíduo em lidar com novas situações, solucionar problemas e atingir objetivos específicos como membro de um grupo social ou de uma categoria profissional.

De acordo com esse ponto de vista, o professor de línguas, na formação de sua identidade profissional, passa por um processo de aceitação de conceitos compartilhados pelos membros de sua categoria. Ocorre, então, a valorização ou desvalorização de atributos, atitudes e normas comportamentais que influenciam suas ações como profissional. Shulman (1986, apud SILVA, 2007), descreve o professor como um agente que toma decisões, reflete, emite juízos, tem crenças e atitudes, que por sua vez são construídas no interior de um determinado grupo, seja por meio da observação de outros professores, pelas experiências vividas no exercício da profissão ou pela troca de ideias com outros profissionais.

Em todas as categorias profissionais, certos discursos são constantes e agem como parte do mecanismo de identificação de seus membros, sendo que enquanto alguns desses discursos podem ser motivados pela percepção de fatos reais vividos pelo grupo, outros podem ser transmitidos sócio-historicamente, sem que, necessariamente, sejam frutos da reflexão sobre experiências. Nesse caso, os valores adotados integram o conjunto de crenças compartilhadas pelo grupo e reproduzidos pelo mecanismo de identificação social. Sobre isso, Vala (1997) nos diz que a identidade de um indivíduo decorre da percepção da realidade social e de seu papel enquanto membro de um grupo ou categoria. É da comunicação com um grupo, da reflexão sobre os símbolos e valores atribuídos aos membros que dele fazem parte que surgem atitudes e normas comportamentais que motivam as ações.

No caso do professor de língua inglesa, é do contato com outros professores que geralmente são construídas parte de suas percepções sobre o que é ensinar, como ensinar e o que é ser professor. Esse contato, por sua vez, ocorre a todo momento: desde quando ele ingressa na escola, passando pelo estudo nas faculdades e indo até o trabalho efetivo, já como profissional do ensino. Sobre isso, Lima (2007, p. 5) diz que:

As concepções propiciam ao professor, desde o processo de formação inicial, passando pela formação contínua e na prática docente diária, melhor e mais eficiente abordagem de novas questões relativas à disciplina que leciona, bem como na interpretação de novas situações, como a capacidade de raciocinar para resolver dificuldades no dia-a-dia, notadamente, em sala de aula (LIMA, 2007. p. 5)

Na pesquisa descrita neste artigo, buscou-se investigar o papel exercido pelos contextos histórico, social e profissional sobre a forma como um grupo de professores de língua inglesa vê a sua atividade profissional e como suas experiências anteriores e o contato com outros professores moldam suas ações em sala de aula. Para isso, foram

realizadas entrevistas com 04 professores do Curso de Extensão Língua Inglesa (CECLI), da Universidade Federal do Piauí (UFPI).

O CECLI, um curso de extensão de inglês aberto à comunidade, é promovido pelo Departamento de Letras da UFPI e tem como objetivo oferecer à comunidade um curso de língua inglesa a preços bem mais baixos que instituições de ensino privadas. Ao mesmo tempo, ele visa proporcionar aos alunos do Curso de Letras-Inglês daquela instituição a possibilidade de se envolverem em atividades de prática docente supervisionadas. Perante as comunidades interna e externa à UFPI, o CECLI assume *status* de referência, fato facilmente observado pela demanda muito superior ao número de vagas disponíveis.

Os professores participantes desta pesquisa eram alunos do curso de graduação em língua inglesa da UFPI. A faixa etária variava entre 20 e 24 anos e todos tinham entre 1 e 2 anos de experiência didática.

4 IDENTIDADES PROFISSIONAIS POR MEIO DA ANÁLISE DE EXPERIÊNCIAS SOCIAIS

Durante a coleta de dados, entrevistas individuais foram adotadas como meio de obter a narração de histórias de vida pessoal e profissional e opiniões que pudessem fornecer dados sobre fatores sociais e históricos dos informantes, tais como experiências positivas, traumas ou rejeições capazes de influenciar nos julgamentos deles sobre sua atividade profissional. Nelas, percebemos que a visão do professor de língua inglesa sobre sua própria profissão é composta de inúmeros fatores, dentre eles emoções, expectativas, sentimentos, valorações que se firmam como atitudes e posturas frente ao processo de ensinar uma língua estrangeira, tal como pode ser observado no trecho a seguir, transcrito de uma das entrevistas:

Entrevistador: *O que te fez vir para universidade?...para estudar inglês especificamente?*

Professor 01: *Não teve, assim, exatamente um alguém que tenha me feito vir. Eu vim porque realmente eu vi que era o que eu gostava: inglês ... Então é isso, desde o primeiro ano, primeira série, eu já tinha decidido que queria fazer vestibular para inglêseu gostava tanto que era só para inglês que eu estudava.*

No trecho acima, embora as atitudes do professor que o levaram à escolha de sua profissão aparentemente serem motivadas por fatores afetivos, para a Teoria da Atividade, toda ação humana surge a partir do contato com outras pessoas ou com ferramentas físicas ou psicológicas. No caso do professor em questão, vemos que foi do contato com a língua inglesa, com o ambiente de ensino e da tomada de consciência de que estudar inglês seria algo recompensador que surgiu a motivação para adoção de sua futura profissão. Essa percepção, por sua vez, é motivada por valores transmitidos sócio-culturalmente, tal como a valorização de uma língua estrangeira, notadamente do inglês, que desfruta de um status de prestígio em um cenário sócio-político mundial, assim como em um cenário local.

Sob a ótica sócio-cultural, a cultura deve ser compreendida como conjuntos imbricados de significados que têm a finalidade de orientar o que ocorre nas mais diversas dimensões constituintes dos seres humanos, além de inseri-los e impeli-los a participar em um universo de valores, estabelecendo limites e possibilidades para as suas ações. No caso de professor acima, podemos dizer que os valores culturais atribuídos à Língua inglesa e o valor social daqueles que a dominam foram algumas das motivações para que ele insistisse em seu aprendizado. As representações coletivas influenciam diretamente na construção de nosso próprio sistema de significados, uma vez que toda e qualquer relação do indivíduo com o mundo ao seu redor deve-se à natureza essencialmente social do ser humano.

Ainda de acordo com a Teoria da Atividade, experiências ruins em relação a uma determinada atividade nos ensinam a evitá-la, enquanto que experiências boas ou prazerosas nos estimulam a repeti-la. Enquanto alunos, somos constantemente expostos e influenciados por nossas experiências em sala de aula, pelos procedimentos de nossos professores e colegas e, muitas vezes, pelas visões que estes têm de mundo e do próprio ato de ensinar e aprender. É comum, por exemplo, que quando nos tornamos professores, repetimos as velhas práticas de nossos mestres, ou variações das mesmas. O que acontece, na verdade, é que estes procedimentos estão fundamentados no conjunto de concepções que temos sobre o que seja ser professor. Estas concepções, por sua vez, são construídas sócio-culturalmente pelo contato com outros professores.

Na análise das entrevistas dos professores, podemos identificar facilmente a presença constante de declarações que indicam haver algum tipo de identificação

(positiva ou negativa) com as práticas de seus antigos professores, como no trecho a seguir, em que o professor 02 explica porque decidiu tornar-se professor:

Entrevistador: *E o que te motivou... o que te fez dizer “quero ser professor”?*

Professor 02: *Rapaz... foi no pré-vestibular... vestibulando é um infeliz... é que quando a gente está na escola, a gente não tem, assim, uma visão sobre... do que é dar aula, do prazer de dar aula... e nesse pré eu fui amigo, fiquei amigo dos professores, eu vi como eles tinham prazer de dar aula, vi que aquilo ali era... era... vi que era bacana... vi que eu poderia... me coloquei no lugar deles... e eu também estudava e dava aulas... aulas de reforço... eu achava bonito uma sala de aula assim... era... era emocionante.*

No trecho acima, vemos que o professor demonstra ter sido fortemente influenciado por seus antigos professores a ponto de escolher seguir a profissão deles. Vemos, então, que sua visão sobre o “ser professor” foi construída pela aproximação entre ele e os professores do cursinho pré-vestibular. Após esta aproximação, o ponto de mudança nas ações do professor é marcado pela percepção de que ensinar é uma atividade positiva. Percebemos que a mudança conceitual sobre o ser professor foi uma consequência das experiências que ele teve enquanto aluno e da observação das posturas e atitudes de seus professores. Segundo Silva (2007), a natureza dos construtos conceituais sobre o ensino e aprendizagem de línguas são compostas de inúmeros fatores, dentre eles valorações e percepções que se firmam como atitudes, posturas do professor/aprendiz frente ao processo de ensinar/aprender uma LE.

Para Vala (1997), a identidade de um indivíduo decorre da percepção da realidade social e de seu papel enquanto membro de um grupo ou categoria. Vemos isto claramente quando o professor diz: “... vi que era bacana... vi que eu poderia... me coloquei no lugar deles...”. A identificação com as práticas dos professores, tidas como positivas, provocaram nele o desejo de se tornar, também, um professor; de se “colocar no lugar deles”. Vemos, então, que o professor foi influenciado por suas experiências passadas enquanto aluno, que motivaram ações e mudanças profundas, tal como a escolha de uma profissão.

Assim como o Professor 02, outro professor, doravante identificado como professor 03, também nos mostra que foi influenciado a assumir a carreira docente pela

Littera Online

relação que mantinha com seus professores e pelo estímulo que estes lhe davam. Vejamos:

Entrevistador: *Onde você estudou a maior parte do tempo?*

Professor 03: *Escola de idiomas*

Entrevistador: *Você gostava?*

Professor 03: *Uhum!*

Entrevistador: *O que te fez entrar na universidade para fazer inglês ?*

Professor 03: *Primeiro foi porque tive uma experiência com a escola de idiomas. Lá a gente tinha o grupo de teatro onde a gente trabalhava com vídeos e::: assistindo os vídeos.. então a gente tinha uma relação muito próxima, do grupo em que a gente estava, com os professores. No momento em que a gente trabalhava com os professores eu tive essa vontade e por conta disso os professores sempre falavam “rapaz, tu vai ser professor”...*

Entrevistador: *Você já entrou no curso pensando em ser professor?*

P2: *Uhum!((balança a cabeça de forma positiva))*

Entrevistador: *Pensa em seguir a carreira mesmo ?*

P2: *Com certeza!*

Na visão de Van Lier (2000), na qual o ser humano é visto como parte de um sistema complexo e superior de interação, as construções conceituais de um indivíduo são moldadas pela interação com artefatos físicos e psicológicos e com as práticas sociais do grupo do qual ele faz parte. Nos exemplos acima, as relações estabelecidas entre o professor 03, seus professores, o grupo de alunos do qual ele fazia parte e os valores sociais e culturais vigentes no grupo, além do incentivo dado pelos membros do grupo de maior prestígio (considerando-se a relação professor-aluno) agiram como mediadores na formação de uma visão positiva sobre o *ser professor*. Esta, por sua vez, motivou as atitudes do professor 03 em relação à escolha profissional.

A concepção de ações como produtos das interações sociais dos indivíduos ao longo da vida explica o fato de que, para o professor 03, o interesse por tornar-se professor de língua inglesa surgiu a partir da observação e contato, enquanto era aluno, com seus professores de inglês.

Igualmente, no caso da professora 04, a seguir, também foi desta interação que surgiu o reconhecimento de que a profissão poderia ser algo positivo, a ser seguida.

Este reconhecimento, por sua vez, influenciou na mudança de percepção sobre a profissão e, por conseguinte, nas suas ações, tal como podemos ver no próximo relato:

Entrevistador: *O que te motivou a querer ser professora?*

Professora 04: *Bom, o que me motivou a querer ser professora na verdade... bem no início da graduação eu não imaginava que eu seria... Aí foi criando dentro de mim... venho conhecendo os professores da graduação... conhecendo mais... é... a licenciatura... e foi criando dentro de mim a vontade de ser professora.*

Vemos que a escolha profissional da Professora 04 também foi motivada pelas interações com seus mestres. Enquanto alunos, somos influenciados por nossas vivências em sala de aula, pelos procedimentos de nossos professores e, muitas vezes, pelas visões que estes têm de mundo e do próprio ato de ensinar e aprender, uma vez que estamos inseridos em uma cultura docente motivada tanto pela afetividade, quanto pela ação. Isso quer dizer que o professor, por sua natureza constitutiva, pode motivar mudanças e o desenvolvimento profissional de seus alunos e exercer um papel fundamental na construção das representações conceituais que estes têm acerca do ensinar/aprender uma língua estrangeira, motivando-os a fazer escolhas e exercer ações quando também tornam-se professores.

5 Conclusão

Neste artigo, vimos que a identidade profissional de professores de língua inglesa é o resultado de sucessivas tensões e contradições em um sistema complexo que inclui sociedade, valores culturais, artefatos mediadores, perspectivas e percepções dos professores. Para Lima (2007), essas tensões e contradições são a essência do aperfeiçoamento profissional do professor, corroborando a ideia de que a mudança conceitual está diretamente associada ao aprendizado por meio do contato social.

Assim, o professor, diante de suas práticas profissionais cotidianas e de suas interações interpessoais (com os alunos, com os colegas de profissão), elabora construtos conceituais responsáveis pela formação de sua própria identidade profissional. Em outras palavras, a formação da identidade profissional dos professores é construída pelo contato social. Isso implica dizer que, seja na formação inicial, seja na formação continuada, ou mesmo no exercício profissional, progressivamente os

professores, ao interagem com outros professores e com alunos, compartilham valores sociais e pessoais que regem sua identidade e suas atitudes em relação ao ofício de “ser professor”.

REFERÊNCIAS

DAVIDOV, V. V. The content and unsolved problems of activity theory. In: ENGSTRÖM, Y. MIETTINEN, R. & PUNAMÄKI, R. **Perspectives on Activity Theory**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p. 39-52.

ENGSTRÖM, Y. Activity theory and individual and social transformation. In: ENGSTRÖM, Y; MIETTINEN, R; PUNAMÄKI, R. **Perspectives on activity theory**.Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p.19-38.

ENGSTRÖM, Y, & MIETTINEN, R. Introduction. In: ENGSTRÖM, Y., MIETTINEN, R. & PUNAMÄKI, R. **Perspectives on activity theory**.Cambridge: Cambridge University Press, 1999. P. 01-16.

GOMES, F. W. B. G. **Trajetórias de apropriação de videos e filmes por um grupo de professors de lingual inglesa**. 2010. 195 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. 2010.

MARX, K. & F. ENGELS. **Obras Escolhidas** - Volume II. São Paulo : Vitória, 1961.
HEGEL, G. W. F. **Fenomenologia do espírito**. Petrópolis: Vozes. 4ª Ed. 2007.

KANT, I. **Crítica da razão pura**. 4ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997.
[online] Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/critica.html> Acesso em 02.04.11

LANTOLF, J. P. **Sociocultural theory and second language learning**. Oxford: Oxford University Press, 2000.

LEONT'EV, A. N. **Activity, conciousness, and personality**.EnglewookCliffs: Prentice-Hall. 1978.

LIMA, M. G. S. B. As concepções/crenças de profesoress e o desenvolvimento profissional: uma perspectiva autobiográfica. **RevistaIberoamericana de Educaciónn**. 43.p.1-8, 2007

MARX, K. **Capital: A critique of political economy**, Vol. 1: New York: Random House, 1981. p. 177.

SILVA, K. A. Crenças sobre o ensino e aprendizagem de línguas. **Linguagem & Ensino**. v.10, n.1. p.235-271, jan./jun. 2007.

TIKHOMIROV, O. K. The theory of activity changed by information technology. In: ENGSTRÖM, Y; MIETTINEN, R. & PUNAMÄKI, R. **Perspectives on Activity Theory**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p. 347-359.

TOLMAN, C. W. Society versus context in individual development: Does theory make difference? In: ENGSTRÖM, Y; MIETTINEN, R. & PUNAMÄKI, R. **Perspectives on Activity Theory**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p. 70-86.

VALA, J. Representações sociais e percepções intergrupais. **Análise Social**. v. XXXIII. ed. 1. p. 7-29, 1997.

VAN LIER, L. From input to affordance: Social-interactive learning from an ecological perspective. In: LANTOLF, J. P. **Sociocultural theory and second language learning**. Oxford: Oxford University Press, 2000. p. 245-259.

VYGOTSKY, Lev. **A formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL DE PROFESSORES DE LÍNGUA INGLESA PELA ÓTICA DA TEORIA DA ATIVIDADE

ABSTRACT: In the Activity Theory the concept that learning is an activity determined historically and socially allows us both to identify the current conjuncture of the educational system as well as to investigate the psychological/cognitive processes underneath teacher training, offering the theoretical approach necessary to the reflection on how and why teachers act in a certain way. In this paper, I discuss how the construction of identity of English teachers is modeled by social contact with other teachers. For that, I describe a study conducted with english teachers of an extension course of english at Universidade Federal do Piauí. The results show that those teachers built up their professional identity through observation, social interaction and social experiences with other English teachers during their training and professional experience.

KEY WORDS: Activity theory. Professional identity. English teachers